

Universidade Federal do Paraná
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Museu de Arqueologia e Etnologia

Apresenta —

PRATICAR ARQUEOLOGIA:

OBJETOS E PESSOAS ATRAVÉS DO TEMPO



Maio de 2013

PRATICAR ARQUEOLOGIA:

OBJETOS E PESSOAS ATRAVÉS DO TEMPO

"Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo..."
(*Oração ao Tempo*, Caetano Veloso)

Praticar Arqueologia: objetos e pessoas através do tempo é um tema instigante. Por meio desta exposição o MAE celebra significados atribuídos, estéticas originais e os incansáveis propósitos - e esforços, para adentrarmos, tanto quanto possível, os cotidianos das múltiplas culturas que contribuíram para desenhar o mundo no qual vivemos.

A arqueologia é uma disciplina científica que trata de um objeto complexo e, de maneira geral, tem como fundamento o estudo sistemático das evidências de atividades da vida humana já desaparecida ou, ainda, a inferência sobre os modos de vida de povos antigos. É tema, ainda, das abordagens arqueológicas a investigação do meio-ambiente como sustentáculo da humanidade nos diferentes momentos de sua história. Desse modo, uma situação salta aos olhos: a Arqueologia é uma ciência de vocação transversal e dialoga com várias outras ciências - como não poderia deixar de ser, pois a vida humana se revela em miríades de dimensões, como em uma trama, forjadas pelo intelecto plasmado pelas percepções. Na trajetória da humanidade essa trama foi responsável por criar objetos belíssimos, como as cerâmicas pré-históricas em suas diversas padronagens, os zoólitos e zoósteos - esculturas zoomórficas talhadas em pedra ou ossos de peixes, adornos, ferramentas ou estruturas arquitetônicas que caracterizam sociedades extintas, ou mesmo atuais, como é o caso da investigação etnoarqueológica com sociedades indígenas.

A exposição é um convite a experienciar alguns dos temas abordados pela arqueologia e suas práticas, tão bem apresentados pela equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.

Márcia Cristina Rosato
Diretora do MAE/UFPR

VAMOS PRATICAR ARQUEOLOGIA?

A exposição *"Praticar Arqueologia: Objetos e Pessoas Através do tempo"* leva- nos ao mundo da Arqueologia, mostrando ao público como funcionam os procedimentos adotados pelos arqueólogos para interpretar as populações do passado.

A exposição abordará o significado da ciência arqueológica; seu envolvimento com diferentes elementos da cultura material, desde tempos remotos até históricos recentes; as relações interdisciplinares da arqueologia com outras ciências e conhecimentos; e todas as etapas de pesquisa do arqueólogo: planejamento, campo, escavação, laboratório, exposição e a explanação dos conhecimentos. A relação entre o passado e o presente será explorada, ainda, nos temas relacionados à Arqueologia do Paraná, abordando a tradição da arqueologia no estado e seu pioneirismo na formação de arqueólogos acadêmicos no Brasil, assim como os novos projetos de pesquisa arqueológica desenvolvidos no litoral paranaense.

A Arqueologia é uma profissão fascinante, que envolve descobertas e instiga o espírito; promove o encontro de conhecimentos científicos, possibilita o contato em campo com realidades locais envolvendo comunidades, patrimônio e identidades, tornando-se um agente ativo na proteção e conservação do patrimônio arqueológico nacional.

Bem Vindo ao Mundo da Verdadeira Máquina do Tempo!



Artefato em cerâmica, antropomorfo.
Arqueologia amazônica.



Sítio arqueológico Lagoa Xambré
(Acervo CEPA/UFPR).



Arqueologia subaquática
(Acervo pessoal Gilson Rambelli).

O QUE É ARQUEOLOGIA?

Do grego «arqué» = **antigo**, e «logos» = **estudo**, têm sido muitas vezes associada à caça de tesouros perdidos, ou ainda, a escavações de ossadas de dinossauros! Na verdade, esta ciência busca **estudar as sociedades humanas** (modos de vida, práticas sociais, estrutura, organização, dinâmica cultural), muitas das quais já desaparecidas.

Esta tarefa é realizada principalmente por meio do estudo dos objetos materiais (**cultura material**) deixados por essas sociedades (principalmente coisas quebradas e descartadas), que devem ser entendidos enquanto parte de seu universo social, tecnológico, econômico e simbólico.

A Arqueologia tem o potencial de nos informar sobre as sociedades do pas-



Detalhe de urna funerária tupiguarani.

sado que não deixaram registros orais ou escritos. Devido à profundidade cronológica de muitos de seus achados, pode dar voz aos primeiros homens a entrar nas Américas, cerca de 30 mil anos atrás. Da mesma maneira, quando aborda períodos da história mais recente, a arqueologia pode dar visibilidade aos povos que estiveram sempre à margem da construção da história tradicional, como escravos, indígenas e quilombolas.

Praticar a Arqueologia constitui uma atividade científica por vezes bastante trabalhosa e minuciosa, mas recheada de surpresas e de conhecimentos multidisciplinares!



Esculturas zoomorfas encontradas em sambaquis do Brasil meridional.



Detalhe de sepultamento em urna funerária, Sítio Lagoa Xambrê. (Acervo CEPA/UFPR).



O QUE É SÍTIO ARQUEOLÓGICO?

O sítio arqueológico é um local onde existem objetos, fogueiras, ruínas, grafismos rupestres, feições no terreno ou quaisquer outros conjuntos de vestígios formados a partir da ação, intencional ou não, do homem no passado.

No Brasil, encontramos diversos tipos de sítios arqueológicos, em que se destacam as áreas de aldeias indígenas abandonadas, sambaquis, cavernas, montículos (elevações construídas com terra), ruínas de casas coloniais, senzalas, entre outros exemplos.

Os sítios arqueológicos brasileiros mais antigos até o momento pesquisados situam-se nas áreas interioranas (nos Estados de MG, MT, PA, GO, BA, PI), com antiguidade próxima ou superior a 12.000 anos. No lito-

ral, os sítios arqueológicos mais conhecidos são os **sambaquis** (em tupi-guarani "monte de conchas"), colinas formadas pelo acúmulo intencional de vestígios alimentares, fogueiras, instrumentos de pedra, ossos, conchas e adornos que podem chegar a 8.000 anos de antiguidade.

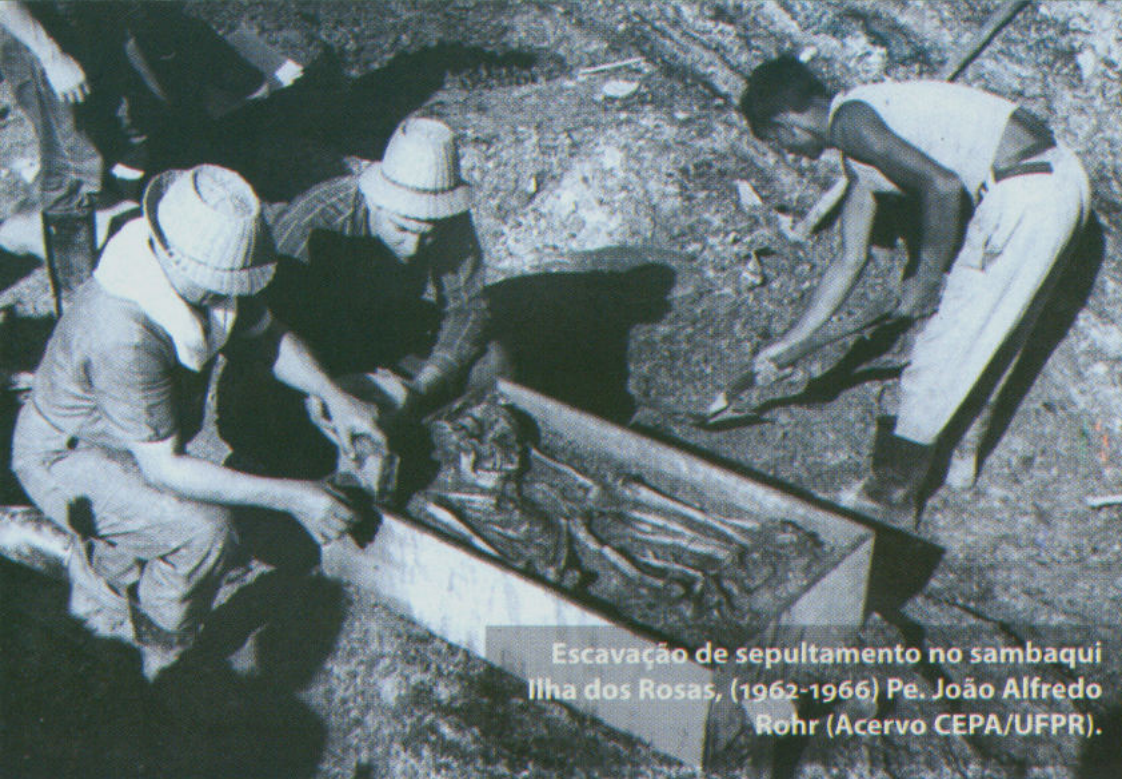
No Paraná, os sítios arqueológicos mais antigos datam de cerca de 10.000 anos atrás e localizam-se no baixo vale do Rio Iguaçu e no médio Rio Tibagi. Além dos sambaquis, estão registrados no Paraná vários tipos de sítios arqueológicos, como as pinturas rupestres, abrigos sob rochas e casas subterrâneas.



Escavação de sepultamento no sítio Ilha das Pedras, em Paranaguá..



Sítio arqueológico Wobeto. Mme. Annette Laming-Emperaire e equipe em 1960, município de Manoel Ribas-PR (Acervo CEPA/UFPR).



Escavação de sepultamento no sambaqui Ilha dos Rosas, (1962-1966) Pe. João Alfredo Rohr (Acervo CEPA/UFPR).



Margarida D. Andreatta e Annete Lamming-Emperaire, 1960.

ARQUEOLOGIA NO PARANÁ

Os primeiros registros sobre os vestígios arqueológicos no Paraná datam do século xvii, quando as incursões missionárias confiadas aos jesuítas espanhóis penetraram o oeste do estado. No século xix, o conhecimento sobre as populações do passado intensificou-se a partir da chegada de sertanistas e naturalistas que buscavam colonizar a região e criar rotas de comunicação e comércio com outras regiões do país.

Ainda que de maneira embrionária, a pesquisa arqueológica no Paraná iniciou-se em 1936, quando o prof. José Loureiro Fernandes assumiu a direção do Museu Paranaense e realizou uma série de excursões pelo Estado, sobretudo nos sambaquis do litoral paranaense. A partir da década de 50, as pesquisas passaram a ser

executadas principalmente pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) e pelo Museu de Arqueologia e Artes Populares (hoje Museu de Arqueologia e Etnologia), inaugurado em 1963, ambos ligados à Universidade Federal do Paraná.

Loureiro Fernandes buscou pesquisadores de várias partes do mundo para atuar nas



Conversa entre Igor Chymiz e José Loureiro Fernandes em um sambaqui do litoral paranaense.

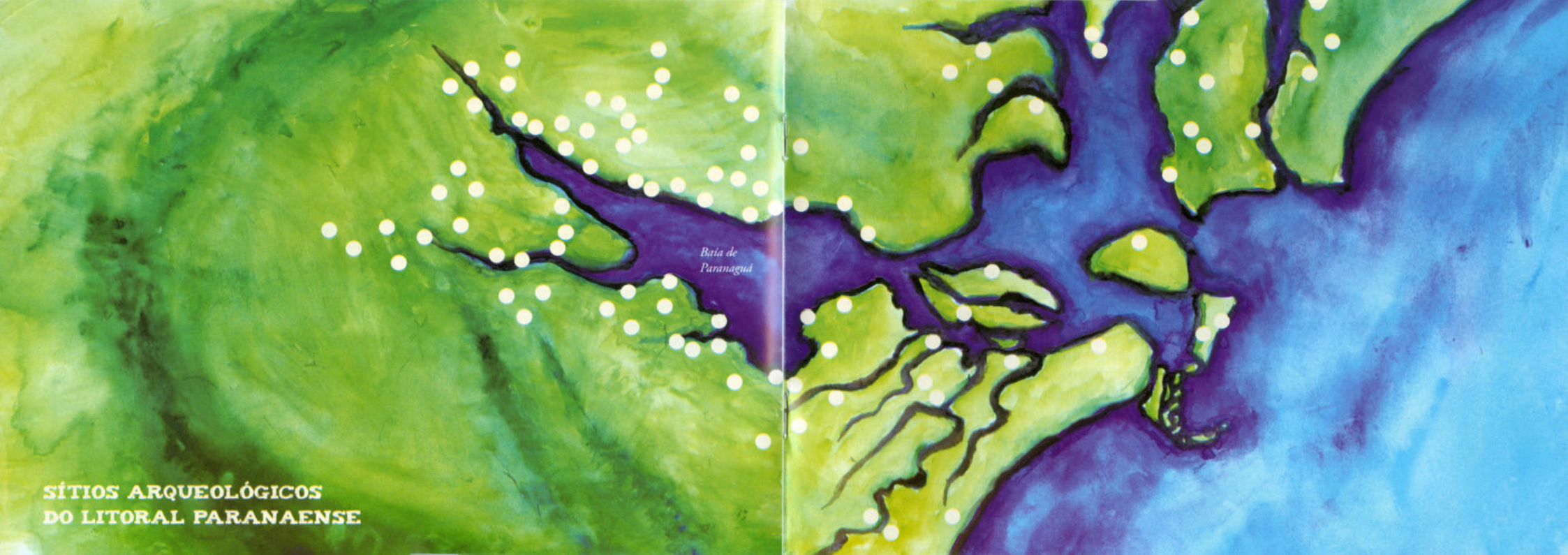


Margarida D. Andreatta, acondicionando o sepultamento do Guaraguaçu, 1960.

duas instituições, que tinham o objetivo de capacitar jovens e ensinar-lhes técnicas de escavação e classificação, imbuídas de metodologias e teorias científicas, fazendo do estado do Paraná um dos pioneiros no estudo e pesquisa em Arqueologia do Brasil.

**SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
DO LITORAL PARANAENSE**

*Baía de
Paranaguá*



QUEM ERAM OS PRIMEIROS HABITANTES DO TERRITÓRIO PARANAENSE?

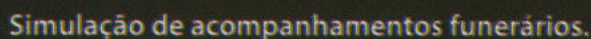
Os primeiros habitantes que ocuparam o atual território do Paraná, conhecidos na Arqueologia Brasileira como Paleoíndios, eram grupos nômades, compostos por reduzido número de pessoas que se dedicavam à exploração dos recursos naturais existentes, tendo a caça e a coleta como fonte de subsistência. Essas populações sobreviveram explorando com grande habilidade o litoral, os vales dos rios e as florestas e campos do Paraná, há aproximadamente 10.000 anos. Seus principais vestígios, que resistiram à ação do tempo, correspondem a sua indústria lítica e a estruturas relacionadas aos espaços habitacionais, como áreas de combustão e padrões de assentamentos.

A partir de 4.000 anos atrás, o atual território paranaense foi paulatinamente ocupado por grupos ceramistas vindos do planalto central brasileiro, estabelecendo-se nas terras altas



Ponta de projétil lítica Umbu, grupo pré-histórico associado às florestas de araucária.

Para grupos da Tradição Arqueológica Tupiguarani (família linguística Tupi-Guarani), a cerâmica passou também a representar papel fundamental nos rituais funerários, sendo utilizada como urna funerária. E no caso da Tradição Arqueológica Itararé (possivelmente falantes de língua Macro-Gê) um dos marcos culturais mais característicos é a construção de casas subterâneas e aterros funerários.



COMO TRABALHA O ARQUEÓLOGO?

O Trabalho do arqueólogo compreende diversas etapas, iniciando-se com o planejamento da pesquisa (objetivos, métodos, organização) e o encaminhamento do pedido de autorização da pesquisa ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão federal fiscalizador.

Após o projeto ser **aprovado** pelo IPHAN, parte-se para o processo de **levantamento** e identificação de sítios arqueológicos e, posteriormente, à **escavação**, que deve ser lenta e metódica para que as informações contidas no sítio não sejam perdidas. Utilizando-se de métodos e técnicas específicas, a escavação tem o objetivo de recuperar materiais e informações capazes de revelar conhecimentos sobre as atividades humanas do passado. Depois do trabalho de campo, são realizadas, em **laboratório**, as atividades de limpeza, secagem, separação, numeração e remontagem do material encontrado nas escavações, produzindo um corpo de dados e informações que são analisadas com base em teorias arqueológicas, sociais e geológicas.

Após todo o trabalho, o arqueólogo deve **apresentar** seus resultados, tanto para sociedade acadêmica (através de teses e artigos) quanto para a comunidade em geral (através de exposições e palestras). No Museu, as peças mais significativas são expostas ao público e o restante do material recuperado é guardado na Reserva Técnica, para que sirva de fonte de referência para futuras pesquisas.



Arqueólogo analisando material ósseo em laboratório.



Arqueólogo em processo de escavação em sambaqui.



ANÁLISE DOS MATERIAIS

Para a análise dos artefatos, o arqueólogo utiliza-se de métodos e equipamentos que possibilitam a observação das características dos materiais. Alguns dos procedimentos têm por objetivo a reconstrução de formas, o estudo de traços indicativos de uso, quantificações, padrões e variações. As principais categorias de materiais encontrados em sítios arqueológicos são as cerâmicas, os líticos e os ossos.

A **cerâmica** permite inferir sobre diversos aspectos da sociedade, como demografia, economia, padrões de consumo, manufatura e simbologia. A partir dos fragmentos encontrados, os arqueólogos podem estudar o volume, a forma e o modo de produção da peça, bem como os indicativos de padrões de con-

Diversidade de formas e tipos cerâmicos da tradição tupiguarani.

sumo nela contidos.

Os materiais em pedra (denominados de **líticos**) são fabricados para resolver problemas práticos (raspar, cortar, furar) ou para atender aspectos simbólicos e sociais (práticas rituais, trocas, prestígio, status social). Os arqueólogos buscam características que envolvem todas as etapas de sua produção, usos e descarte, inferindo sobre aspectos sociais, econômicos e técnicos da sociedade em estudo.

A análise do material **ósseo humano** permite verificar aspectos da saúde de uma população (doenças, osteoporose, anemia), estudos de demografia, dieta, simbolismos (rituais e acompanhamentos funerários) ou ainda aspectos comportamentais e culturais.



Funcionamento de artefato lítico lascado.



Detalhe do desgaste nos dentes dos indivíduos sambaquieiros.



Desenho da estatigrafia de sambaqui, adaptado de Hurt & Blasi, 1960.



Tipos de pontas de projétil.

COMO OS ARQUEÓLOGOS DATAM OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS?

Os métodos de datação podem ser Relativos ou Absolutos. Os mais utilizados compreendem:

Datação Relativa:

- **Tipologia:** Dá a noção da antiguidade pela comparação com objetos do mesmo tipo, em diferentes sítios arqueológicos distribuídos por uma região.
- **Estatigrafia:** Superposição de camadas de solo ou sedimentos e sua correlação com vestígios culturais (ex. camadas arqueológicas mais profundas são mais antigas que camadas menos profundas)

Datação Absoluta:

- **Carbono 14:** O carbono é um dos elementos químicos de maior quantidade nos seres vivos. Ainda que menos abundante, o Carbono 14 (C-14) é um isótopo radioativo e, deste modo, desintegra-se com o tempo a partir da morte de um indivíduo. Ao morrer, o C-14 presente no corpo gradualmente perde sua massa, desintegrando-se a um ritmo constante

(que é medido pelo “tempo de meia vida”). Assim, podemos calcular o tempo em que um organismo (humano, vegetal ou animal) morreu, verificando o quanto de C-14 ainda existe, comparando-o com a taxa de carbono existente na atmosfera. Nesse caso, quanto menor é a quantidade de C-14, mais antiga é a amostra.

Os arqueólogos utilizam-se deste tipo de técnica para datar os mais diversos vestígios encontrados nos sítios arqueológicos, desde carvões, ossos, conchas, madeiras e pinturas feitas com matéria prima orgânica. Em amostras muito antigas, a quantidade de C-14 é tão pequena que já não é mais possível medi-la e, portanto, datá-la. Assim, esta técnica atualmente é capaz de datar objetos com no máximo 70 mil anos de idade.

- **Termoluminescência:** método físico para datação de objetos arqueológicos, como cerâmicas e materiais de pedra, desde que tenham sido aquecidos no passado.

Fogueira, uma grande fonte de informação para os arqueólogos.





ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Atualmente, muitos sítios arqueológicos têm sido localizados em razão da obrigatoriedade de se fazer estudos arqueológicos como parte integrante dos diagnósticos de impacto ambiental, que antecedem a execução de empreendimentos de grande porte (como a abertura de estradas, construção de usinas hidrelétricas e linhas de transmissão).

Uma vez que a instalação de tais empreendimentos causa impactos ao meio ambiente e, conseqüentemente, aos bens arqueológicos, qualquer intervenção deve ser realizada somente após a avaliação dos danos e do resgate desses vestígios.

Destruir, remover ou escavar um sítio sem preparação e conhecimento, bem como utilizar para fins lucrativos qualquer material arqueológico, além de representar um crime contra o patrimônio cultural, pode apagar para sempre as pistas de uma história ainda não contada!

Qualquer cidadão pode informar ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão federal que fiscaliza e protege os bens arqueológicos, a exploração indevida desses bens ou mesmo informar sobre a existência de possíveis sítios.



Atividades de extensão e educação.



CRÉDITOS

Reitor UFPR

Prof. Dr. Zaki Akel Sobrinho

Vice-Reitor UFPR

Prof. Dr. Rogério Andrade Mulinari

Pro-Reitora de Extensão e Cultura

Prof^a. Dra. Deise Cristina de Lima Picanço

Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia

Antropóloga Dr^a. Márcia Cristina Rosato

Curadoria da Exposição

Laércio Loiola Brochier

Sady Pereira do Carmo

Museologia

Ana Luisa de Mello Nascimento

Ações Educativas

Yara Aparecida Garcia Tavares

Geraldine Marie Vieira

Andréia Baia Prestes

Ilustrações

Artur Henrique Gomes Janz

Érica Storer de Araújo

Ueliton Castro Pires

Diagramação

Artur Henrique Gomes Janz

Fotografia

Douglas Cléverson Fróis

Revisão Textual

Maria Cristina Perigo

Colaboradores

Beatriz Virmond

Fabiana Terhaag Merencio

Gabriel Augusto Soares

Giovani Rodrigues da Silva

Isabela Cristina Suguimatsu

Manoel Ramos Junior

Equipe MAE

Ana Luisa de Mello Nascimento

Andréia Baia Prestes

Ângela Carolina de Castro Simões

Bárbara Bueno Furquim

Bruna Marina Portela

Dorila Rosane de Paula Rodrigues

Douglas Cléverson Fróis

Elizabeth Maciel Scomassão

Fábio Luís G. Marcolino

Geraldine Marie Vieira

João Kalluf

Laércio Loiola Brochier

Laura Pérez Gil

Luiz Carlos Alves

Luiz Cezar Rodrigues

Márcia Cristina Rosato

Regiane Souto Pereira Pelaquini

Sady Pereira do Carmo Junior

Yara Aparecida Tavares



m
AE

MUSEU DE
ARQUEOLOGIA E
ETNOLOGIA
UFPR